



**DA DECADÊNCIA DE TONY AO EMPODERAMENTO DE LUÍSA:
UMA LEITURA SOBRE *NIKETCHE*, *UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA*,
DE PAULINA CHIZIANE**

*FROM TONY'S DECAY TO LUISA'S EMPOWERMENT: A READING
ABOUT NIKETCHE, BY PAULINA CHIZIANE*

*DE LA DECADENCIA DE TONY AL EMPODERAMIENTO DE LUISA: UNA
LECTURA SOBRE NIKETCHE, POR PAULINA CHIZIANE*

Sávio Roberto Fonsêca de Freitas¹

Joranaide Alves Ramos²

RESUMO

Este artigo apresenta um estudo do romance *Nikette: uma história de poligamia* (2004), de Paulina Chiziane. A partir da personagem Luísa, verificamos como o processo de construção das masculinidades contribui para a subalternização de mulheres e, em contrapartida, como o empoderamento delas lhes possibilita a criação de condições de acesso social. Este estudo está fundamentado, principalmente, em Leite (2003), em Connell (1995), em Welzer-Lang (2001), em Hudson-Weems (2020), em Ribeiro (2017) e em Berth (2019) e dividido em três partes. Na primeira, apresentamos uma discussão sobre o conceito de poligamia, sua instituição e a representação romanesca da resignação da personagem Luísa em relação a esta prática; na segunda, investigamos como a construção da masculinidade fundamenta a prática de matrimônios poligâmicos; na última, refletimos sobre de que modo a sororidade [re]constituiu as identidades das mulheres envolvidas naquele casamento. *Nikette* é território simbólico do feminino de Moçambique; aponta algumas estratégias usadas por diversas mulheres para empoderarem outras mulheres, fazendo-nos refletir sobre as tradições daquele país e sobre os efeitos do patriarcado e da colonização sofrida por aquelas pessoas.

PALAVRAS-CHAVE: empoderamento, Luísa, *Nikette: uma história de poligamia*, Paulina Chiziane.

1 Professor de Literaturas de Língua Portuguesa do Departamento de Letras do Centro de Ciências Aplicadas e Educação e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB. E-mail: savioroberto1978@yahoo.com.br

2 Doutoranda em Letras pela UFPB. Mestra em Letras pela UFAL. Graduada em Letras pela UNIRIOS. Professora de Literatura e Língua Portuguesa da UNIRIOS, Paulo Afonso, Bahia. E-mail: joranaide.alvesramos@gmail.com



ABSTRACT

This article presents a study of the novel “Niketche: uma história de poligamia” (2004), by Paulina Chiziane. Based on the character Luísa, we verify how the process of construction of masculinities contributes to the subordination of women and, on the other hand, how the empowerment of them enables them to create conditions for social access. This study is based mainly on Leite (2003), Connell (1995), Welzer-Lang (2001), Hudson-Weems (2020), Ribeiro (2017), Berth (2019) and divided into three parts. In the first one, we present a discussion on the concept of polygamy, its institution, and the novelistic representation of the character Luísa’s resignation in relation to this practice; in the second, we investigate the construction of masculinity that underlies the practice of polygamous marriages; in the last one, we reflect on how the sorority [re]constituted the identities of the women involved in that marriage. “Niketche” is a symbolic territory of the feminine of Mozambique that shows some strategies used by several women to empower other women, making us reflect on the traditions of that country and on the effects of patriarchy and colonization suffered by those people.

KEYWORDS: *Empowerment, Luísa, Niketche: a history of polygamy, Paulina Chiziane.*

RESUMEN

Este artículo presenta un estudio del Romance Niketche (2004), de Paulina Chiziane, y a partir del personaje de Luísa, verificamos cómo el proceso de construcción de las masculinidades contribuye para la subordinación de las mujeres y, por otro lado, cómo su empoderamiento les permite generar condiciones de acceso social. Este estudio se basa principalmente en Leite (2003), en Connell (1995), en Welzer-Lang (2001), en Hudson-Weems (2020), en Ribeiro (2017) y en Berth (2019) y se divide en tres partes. En el primero, presentamos una discusión sobre el concepto de poligamia, su institución y la representación novelística de la renuncia del personaje Luísa en relación a esta práctica; en el segundo, investigamos la construcción de masculinidad que subyace a la práctica de los matrimonios polígamos; en el último, reflexionamos sobre la hermandad [re]constituida de las identidades de las mujeres involucradas en ese matrimonio. Niketche es un territorio simbólico de lo femenino de Mozambique que muestra a varias mujeres que, a través de la sororidad, empoderan a otras mujeres y nos hacen reflexionar sobre las tradiciones de ese país y sobre los efectos del patriarcado y la colonización en ese pueblo.

PALABRAS-CLAVE: *Empoderamiento; Luísa; Niketche: una historia de la poligamia. Paulina Chiziane.*

Introdução

Este artigo investiga como o processo de construção de masculinidades contribui para a subalternização de mulheres, instituindo regras, permitindo, por exemplo, relacionamentos poligâmicos. Além disso, analisamos como o empoderamento individual e o empoderamento coletivo, por meio da solidariedade e da sororidade, possibilitam, aos grupos subalternizados, em especial, neste caso, às mulheres, a criação de condições sociais de acesso à cidadania. Estas reflexões são feitas a partir da observação de Luísa, personagem do romance *Niketche: uma história de poligamia* (2004), de Paulina Chiziane, publicado pela primeira vez em 2002.

Paulina Chiziane (1955) nasceu em Manjacaze, vila de Moçambique, mas ainda criança se mudou com sua família para a capital, Maputo. Atuou, em sua juventude, na Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), lutando pela independência de seu país, que só em ocorreu em 1975. No pós-independência, com o início da Guerra Civil, a escritora tornou-se voluntária da Cruz Vermelha. Sua participação política levou-a a fazer parte de uma organização não governamental, o Núcleo das Associações Femininas da Zambézia (NAFEZA). Foi a primeira mulher a publicar um romance em Moçambique, *Balada de amor ao vento* (1990), consagrando-se como escritora com *Niketche: uma história de poligamia*. Suas obras, em geral, trazem narrativas críticas a alguns costumes, refletem sobre as condições femininas, conferindo atenção às pluralidades culturais existentes em Moçambique por meio de uma linguagem profundamente lírica.

Niketche: uma história de poligamia conta a história de Tony e sua esposa, Rami, com quem tem três filhos. A vida de Rami muda completamente quando ela descobre que seu marido tem outras quatro mulheres e filhos com cada uma delas. A jornada de Rami começa com a busca de suas rivais. Nesse processo, as mulheres se aliam e, sem apagar as tradições, questionam as condições a elas impostas, evidenciando algumas perspectivas do movimento designado “Mulherismo africana”.

Para pensar sobre isso, desenvolvemos um estudo exploratório, bibliográfico e qualitativo, fundamentado, principalmente, em *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais* (2003), de Ana Mafalda Leite; *Políticas da masculinidade* (1995), de Raewyn Connell; *A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia* (2001), de Daniel Welzer-Lang; *Mulherisma africana: uma teoria afrocêntrica* (1998), de Nah Dove; *O que é lugar de fala?* (2017), de Djamilá Ribeiro; *Empoderamento* (2019), de Joice Berth; *Mulherismo africana* (2020), de Cleonora Hudson-Weems.

Dividimos este texto em três partes. A primeira, “Luísa: mulher sem nome, sem sombra, sem casa, nem marido, nem emprego”, apresenta uma discussão sobre o conceito de poligamia, sua instituição, uma crítica às condições de mulheres submetidas a esse regime, bem como discute a resignação de Luísa em relação a tal questão. Em “Homem é rei, senhor da vida e do mundo”, investigamos sobre como as construções das masculinidades fundamentam a prática de matrimônios poligâmicos. Por fim, “Luísa: esta noiva é um rio com reflexos de sol e de luar” aborda sobre como a sororidade [re]constituiu as identidades das mulheres envolvidas no casamento poligâmico, empoderando-as e as mobilizando contra as desigualdades de poder nas relações mulheres-homens.

Luísa: “Mulher sem nome, sem sombra, sem casa, nem marido, nem emprego”³

Assim como Noémia de Sousa, Paulina Chiziane, vencedora do Prêmio Camões de 2021, tem contribuído com a abertura do cenário literário para as mulheres que, através do projeto de moçambicanidade, territorializam a escrita de autoria feminina, questionam o cânone, constituído preponderantemente por homens, e reivindicam, conforme aponta Sávio Freitas (2019), espaço para as mulheres naquela sociedade, bem como, nas artes. Ou seja, as mulheres ainda precisam percorrer duros caminhos para alcançar legitimidade e visibilidade para, assim, serem consideradas sujeitos políticos.

Essas demandas continuam necessárias, mesmo em uma Moçambique moderna, uma vez que as mulheres são ainda oprimidas pela instituição do patriarcado, vastamente consolidado durante o período de efetiva colonização portuguesa. As lógicas patriarcal e colonial estabeleceram normas que deveriam ser obedecidas pelas mulheres, via de regra relegadas a espaços privados, serviços domésticos e trabalho reprodutivo, impossibilitadas de fazerem escolhas.

Muitas dessas questões são inscritas em *Niketche: uma história de poligamia* (2004). Sobre o título, a personagem Mauá explica o significado: “— Uma dança nossa, dança macua, uma dança do amor, que as raparigas recém-iniciadas executam aos olhos do mundo, para afirmar: somos mulheres [...]; dança do sol e da lua, dança do vento e da chuva, dança da criação” (NIKETCHE, 2004, p. 160). Dança de inscrição dos corpos de mulheres e sua percepção pelo homem; uma dança erótica e ritualística.

Trata-se de uma dança descompassada do amor poligâmico, circular, solitária, ainda que coletiva. Rami, personagem principal e narradora, representa histórias de mulheres subjugadas pelo regime de poligamia, enquanto, de algum modo, busca por libertações e encoraja as demais personagens a tomarem consciência de seus lugares naquela sociedade que transita entre práticas tradicionais e outras modernas; ou seja, a poligamia, embora nos pareça opressiva, também oferta garantia econômica e de constituição de uma família. Numa espécie de “dança das cadeiras”, conhecemos as histórias de Rami, Julieta, Luísa, Saly e Mauá. Todas lutam pelo amor e pelas conveniências do seu relacionamento com um alto funcionário da polícia, Tony, em um jogo de solidariedade feminina que também contesta os privilégios masculinos naquela sociedade.

Tony e Rami são casados há vinte anos e têm três filhos. Rami conta sobre sua vida enquanto se questiona diante de um espelho. Este último reflete não apenas os questionamentos dessa mulher, mas parece retratar também o espaço exterior em sua pluralidade cultural através do interior de uma personagem que descobre que seu marido tem outras quatro mulheres e

3 Este título foi inspirado em *Niketche: uma história de poligamia* (2004, p. 54).

vários filhos com cada uma delas, mulheres oriundas de várias partes do país. A trama ganha mobilidade quando Rami decide conhecer as outras mulheres. A partir daí, outras narrativas são incorporadas à principal. Muitas personagens nos permitem pensar sobre a história política, social e cultural de Moçambique, mas elegemos Luísa, a terceira esposa de Tony, para problematizar alguns pontos.

Luísa aparece no enredo quando Rami vai conhecê-la. As adversárias se enfrentam verbal e fisicamente, atraem a atenção da vizinhança e são apanhadas pela polícia que as leva à prisão, porque “mulheres casadas não lutam na rua” (CHIZIANE, 2004, 51). As rivais, já reciprocamente acolhidas, são soltas, quando o policial descobre o nome do esposo disputado, logo isento de culpa pela querela: “o homem, sexo fraco nas coisas da carne, perde-se diante de tamanha formosura. O meu Tony não podia resistir (CHIZIANE, 2004, 51). Um dos diálogos entre Rami e Luísa é muito impactante. A primeira questiona: “Sabes o que significa ser mulher de um homem casado? É o mesmo que fazer filhos na sombra da outra mulher. É não ser socialmente reconhecida como esposa. É ser abandonada a qualquer momento, ser usada, ser trocada” (CHIZIANE, 2004, 54).

Sua fala nos permite pensar sobre o conceito e a prática da poligamia em uma sociedade que não pensa em admitir a poliandria. A poligamia, segundo Cecília Silva (2018), permite ao homem se casar simultaneamente com mais de uma mulher em regime familiar, desde que atenda às necessidades dessas mulheres e de todos os filhos gerados nessa relação. A poligamia é estruturada através de regras no que concerne ao número de pessoas envolvidas e seus comportamentos. Para as sociedades que admitem essa prática, a virilidade de um homem é medida pelo número de mulheres e de filhos que este possua. A leitura de *Niketche*, inclusive, traz diversas ponderações acerca da poligamia:

[...] poligamia é poder, porque é bom ser patriarca e dominar. [...] A prática mostrou que com uma só esposa não se faz um grande patriarca. Por isso os homens deste povo hoje reclamam o estatuto perdido e querem regressar às raízes. **Praticam uma poligamia tipo ilegal, informal sem cumprir os devidos mandamentos.** (CHIZIANE, 2004, p. 92-93, grifo nosso).

É importante pensar, então, sobre o contexto moçambicano com o apoio do grifo acima. A Lei da Família, aprovada pela Lei n.º 10/2004, de 25 de agosto, já reconhecia apenas o casamento monogâmico. Assim sendo, a poligamia é tolerada legalmente naquela sociedade, mas não oficializada. Na revisão da Lei, publicada em 2019, os artigos 19 e 59 tratam sobre dualidade e nulidade de casamento bigamo, respectivamente, ou seja, é vedado o reconhecimento da bigamia e da poligamia.

Enquanto Rami viaja por Moçambique em sua peregrinação em busca das outras mulheres, descobre as muitas diferenças culturais que marcam sua terra e, mais encorajada, se questiona sobre as práticas da monogamia e da poligamia, refletindo sobre a culpa que as mulheres têm nesta situação por preservarem os costumes ditados pelos homens, embora se conformem com a conjuntura. No entanto, o trecho grifado revela que a história vai além do nó do amor/casamento poligâmico. Trata-se, antes, de adultério e, portanto, uma prática ilegal no Estado moçambicano consolidado e, conseqüentemente, de violências real e simbólica. *Niketche*: uma história de poligamia impõe, nesse sentido, uma discussão sobre práticas sociais e a legalidade da vida diante do Estado em seu esforço de ordenação jurídica, política e social.

Tony, nesse contexto, se casa de “papel passado” com Rami que, por sua vez, é lobolada (o lobolo é reconhecido, implicitamente, pela Lei da Família, no artigo 22, que trata sobre restituição, no caso de incapacidade e de retratação), tornando-se um objeto comprado que deve saciar o marido em todos os seus apetites, mas as demais mulheres não são reconhecidas por ele, o que leva Rami a exigir o reconhecimento da prática da família poligâmica, por meio de fortes arroubos românticos. Chiziane parece, através de sua narradora, protestar contra a situação das mulheres nas famílias e na sociedade moçambicanas.

Diferente da melancolia e da visão fatalista da narradora, Luísa é resignada e prática quanto a “dividir” um homem com as outras:

Desde cedo aprendi que homem é pão, é hóstia, fogueira no meio de fêmeas morrendo de frio. Na minha aldeia, poligamia é o mesmo que partilhar recursos escassos [...]. Basta um homem estar comigo uma noite para ser meu marido. E quando essa relação gera um filho o casamento fica consolidado [...]. Enquanto o Tony me der comida, cama, alimento, sou esposa legítima, sim. (CHIZIANE, 2002, p. 55-56)

Luísa vem do norte e lá a poligamia é comum, desde antes da invasão árabe, diferente do sul, onde a religião cristã imposta pelos colonizadores rescindiu a prática. Esta mulher, para além dos sentimentos, procura no policial, uma utilidade real: “Tony é emprego, fonte de rendimento” (CHIZIANE, 2002, p. 67) e isso não poderia ser diferente. Antes de ser mãe de dois filhos de Tony, Luísa foi estuprada durante a guerra civil e precisou se prostituir para sobreviver, ou seja, além de ter sido ensinada sobre como o homem deve ser partilhado, suas relações com eles em nada contribuíram para o estabelecimento de um elo de confiança, para o uso de seu corpo sem violência:

— Em pequena fui violada por soldados na mata [...]. Uns anos depois, a minha mãe entregou-me como esposa a um velho da zona, em troca de uma manta de algodão para cobrir os meus irmãos, [...]. Fugi do velho [...]. Vendi sexo nas esquinas aos catorze anos. Esbarrei com maus tratos da sociedade, dos clientes, dos policiais que me meteram na cadeia vezes sem conta [...]. Encontrei o Tony numa esquina da cidade. (CHIZIANE, 2002, p. 57)

Talvez, por isso, Luísa tenha aprendido a mercantilizar seus relacionamentos. Vale ressaltarmos que o corpo dessa personagem é erotizado: “Ela tem muito fogo em cada veia [...]. Tem uma estrela pendendo em cada fio de cabelo, [...]. Os olhos dela são suaves como luar, deve ter muito mel naquela boca. [...], serás desejada enquanto tiveres fogo nesse belo corpo”. (CHIZIANE, 2004, p. 57/105).

Tal corpo é, a todo momento, perspectivado como moeda de troca e uma das formas do controle masculino. Ainda que provida financeiramente, tendo constituído família, a relação de Luísa não é reconhecida pela sociedade, ela não é respeitada e não tem direitos.

Niketche: uma história de poligamia é uma narrativa irônica que, segundo Ana Mafalda Leite (2003, p. 76), expõe criticamente a “forma perversa como a poligamia foi adulterada na sociedade urbana, não se respeitando os direitos que as mulheres tinham na sociedade tradicional”. Essa observação é a crítica fundamental que Paulina Chiziane desenvolve em *Niketche: uma história de poligamia*. Havia uma prática de todos os envolvidos se beneficiarem, num mesmo grau, da família poligâmica. A autora questiona, assim, a forma como a sociedade moçambicana reverteu a tradição da poligamia em benefício de apenas um indivíduo, da forma como o colonialismo impusera tal prática.

O sistema estabelecido por Tony é cômodo exclusivamente para ele, falso polígamo, que vive em adultério. Tony não queria institucionalizar a poligamia, queria obter prazer e ter certeza da dependência e da submissão de suas mulheres. Não raro, inclusive, deixava de apoiá-las. Luísa, por exemplo, tinha “dois filhos a quem ele presta[va] assistência apenas quando lhe da[va] na gana. Para alimentar os filhos, a pobre [tinha] que arrancar cabelos e pentelhos, transformar em grão para cozer pão. Nem tem emprego, esta mulher”. (CHIZIANE, 2002, p. 66).

A situação de sujeição física e financeira só muda quando Rami toma consciência da situação das cinco mulheres e as convida para serem sujeitos de sua história. Mas a irmandade só pôde ser estabelecida depois que aquelas mulheres esqueceram suas diferenças e buscaram, juntas e solidariamente, o bem comum, processo que se assemelha à busca por uma identidade também nacional, se pensarmos que cada uma delas vem de um lugar e de uma cultura diferente, como pensou Koffi Robert (2010). Depois, discutiremos melhor sobre a sororidade que empoderou aquele grupo de mulheres. Antes, é necessário pensar como algumas políticas engendram masculinidades que contribuem para a toxidade das relações, em especial, para as mulheres.

Homem é rei, senhor da vida e do mundo⁴

No belo ensaio *Eu mulher... Por uma nova visão de mundo* (2013, p. 199-200), Paulina Chiziane faz uma reflexão sobre as condições das mulheres em África:

Os problemas da mulher surgem desde o princípio da vida [...]. Na mitologia bantu, [...] não houve maldição nem pecado original. Mas foi o homem que surgiu primeiro, ganhando, deste modo, uma posição hierarquicamente superior, que lhe permite ser governador dos destinos da mulher. [...] a difícil situação a mulher foi criada por Deus e aceite pelos homens no princípio do mundo. [...] Nós, mulheres, somos oprimidas pela condição humana do nosso sexo, pelo meio social, pelas idéias fatalistas que regem as áreas mais conservadoras da sociedade. Dentro de mim, qualquer coisa me faz pensar que a nossa sorte seria diferente se Deus fosse mulher.

Essa fala elucida a estrutura social, também marcada pelo patriarcado branco e colonizador que sustenta meios para alienação, dominação e exploração das mulheres. Trata-se de um longo processo de naturalização da hierarquia do homem sobre a mulher e consequente desigualdade econômica e violência doméstica. Segundo Raewyn Connell (1995, p. 186), esta seria uma espécie de exibição da masculinidade, intimamente implicada na “violência organizada e nas tecnologias e nos sistemas de produção que levam à destruição ambiental e à guerra nuclear”. A masculinidade é, segundo a mesma autora (1995, p. 187):

uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. Existe, normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em reconhecimento desse fato, tem-se tornado comum falar de “masculinidades” [...]. Por isso, é importante sempre lembrar as relações de poder que estão aí envolvidas.

A prática dos homens nas sociedades patriarcais e coloniais começa pela subjugação dos corpos femininos, mas abarca outras dimensões, como o Estado, a economia, a sexualidade, por exemplo, espaços muitas vezes fundamentados por vieses biológicos e essencialistas, todos produzidos e reproduzidos socialmente. Segundo Connell (1995), para entender a política das masculinidades é necessário pensar em dois aspectos: a busca por hegemonia e a história do imperialismo. As duas perspectivas são convergentes. Basta pensar que grupos de homens lutam, o tempo inteiro, por domínios diversos – da terra, das pessoas, das mentes –, o que os leva à conquista colonial direta e que, mais uma vez, os sobrepõe, violentamente, às mulheres que continuam recebendo menos por sua mão-de-obra e têm menos acesso a cargos de liderança. Por outro lado, as mulheres têm mais trabalho em seus lares, ao tempo que, não obstante, precisam conduzi-los solitariamente.

4 Este título foi inspirado em *Niketche: uma história de poligamia* (2004, p. 55).

É óbvio que essa “ordem de gênero não-igualitária”, nas palavras de Connell (1995, p. 1997), beneficia grupos específicos. Isso se dá pela instituição da masculinidade hegemônica que, por sua vez, é normativa, sustentada pela cultura, pelas instituições e pela persuasão. Connell (2013) aponta que essa masculinidade engloba o que seria a forma mais correta de ser um homem, exigindo que todos os homens sejam cúmplices dela e honrem sua política, ao tempo que legitima a subordinação global das mulheres a eles, com a compreensão, inclusive, de muitas destas.

No entanto, parece-nos irrefutável dizer que todas essas repressões são decorrentes das construções políticas e patriarcais que ainda interessam grande parte dos homens, com exceção dos igualitaristas e progressistas. Isto é bem representado em *Niketche*. Tony ocupa um lugar bastante privilegiado antes de ser confrontado e antes de perder o amor de Luísa.

A sua sociedade criou e preserva privilégios para os homens. Ao Tony foi dado o benefício de ter muitas mulheres, dentro e fora de relações oficiais, até porque “homem é homem, tem todo o direito de procurar em qualquer lugar o que em casa não há” (CHIZIANE 2002, p. 29/52). Luísa, conformada, sabe qual é a condição de uma mulher neste tipo de sociedade: “—Não tenho ilusões. Quer seja esposa ou amante, a mulher é uma camisa que o homem usa e despe. É um lenço de papel, que se rasga e não se emenda. É sapato que descola e acaba no lixo” (CHIZIANE, 2002, p. 54).

Daniel Welzer-Lang (2001, p. 461) afirma assertivamente que as relações entre mulheres e homens são produto da “pseudo natureza superior dos homens, que remete à dominação masculina, ao sexismo e às fronteiras rígidas e intransponíveis entre os gêneros masculino e feminino”, confirmando o que já discutimos: o desejo de hegemonia dos homens os impele a dominar individual e coletivamente as mulheres, “na esfera privada ou pública e atribui aos homens privilégios materiais, culturais e simbólicos”(idem, *ibidem*). Não é necessário ir longe para verificarmos que as desigualdades sofridas pelas mulheres são produtos das vantagens obtidas pelos homens, reis, senhores da vida e do mundo. Essa concepção é ratificada durante a primeira aula de amor da qual Rami participou: “Homem é azagaia. Ponta de lança. Homem é uma linha recta sem fim. Homem é uma bala acesa ferindo o espaço na conquista do mundo. As rectas unem o céu e o chão até ao fim do horizonte” (CHIZIANE, 2002, p. 41).

Para que o homem seja emancipado, é necessário que as mulheres, conscientes ou não, saibam do seu lugar dentro das relações de gênero: “A Lu conta-nos as histórias da sua aldeia. Diz que aprendeu com as outras mulheres que a vida de uma mulher é agradar. Agradar até morrer” (CHIZIANE, 2002, p. 161). Um não se faz sem o outro, embora a mulher seja obrigatoriamente feita sob o signo das violências que preservam os poderes dos homens, desde que estejam dentro dos “esquemas ditos normais da virilidade” (WELZER-LANG, 2001, p. 465). Como vimos, a poligamia é um dos contratos sociais que confirmam o poder e a virilidade dos homens.

Em *Niketche*, as personagens femininas negras são cassadas e estão tomadas pelo autoritarismo, pela irrestrita dominação dos homens, amparados pelo patriarcado, embora, em certa medida, tentem se livrar dos colonialismos e dos essencialismos que instituem opressão de gênero, corroborada esta, de algum modo, pelo capitalismo. As mulheres negras moçambicanas, a exemplo de Luísa, são controladas, excluídas, reprimidas. Contra este sistema, as cinco mulheres, antes rivais, desafiam o poder de Tony e, simbolicamente, do masculino, subvertendo a ordem e o dominador. Chiziane deu voz a uma mulher que despe liricamente, mas sem esconder a violência, o poder da sororidade.

O enredo é sobre Tony também, mas retrata, em especial, a saga de cinco mulheres, lideradas por Rami, as quais superaram juntas os regimes opressores, reguladores, coercitivos. Vale refletir sobre tal empoderamento. Pensando em questões como essas, respaldada pela leitura de Patrícia Hill Collins, Djamila Ribeiro (2017) aponta para a importância de criar condições sociais que permitam aos grupos subalternizados acessarem lugares de cidadania a partir de experiências diversas e coletivas para estes grupos, rompendo, por sua vez, com visões universalistas. Paulina Chiziane contribui com estas reflexões a partir do momento em que conquista o seu lugar de fala e, por intermédio de sua obra, uma enunciação discursiva crítica que vai muito além do ato de proferir palavras.

“O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir”. (RIBEIRO, 2017, p. 36). Sobre isso, refletimos, aqui, especialmente, sobre o lugar de fala das mulheres que, como as personagens de *Niketche: uma história de poligamia*, são silenciadas e invisibilizadas em muitas sociedades que consideram seus corpos, suas funcionalidades – sempre determinados a papéis relacionados ao lar e à família –, mas não seus posicionamentos políticos e suas produções de conhecimento científico ou artístico. Nesse sentido, a literatura moçambicana de autoria feminina permite repensar as relações humanas e seus laços solidários e comunitários, ao tempo que colabora para com a contestação da “historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente[s] da hierarquia social”, rompendo “com o regime de autorização discursiva” (RIBEIRO, 2017, p. 36/39).

Contraopondo-se a essas estruturas violentas, Paulina Chiziane inscreve a imagem de uma mulher múltipla, porque composta pelas outras, que podem representar muitas outras mulheres. Quando mulheres se propõem a escrever, automaticamente inscrevem sua existência, bem como a de seus pares, desbancando, em alguma medida, valores patriarcais e machistas, [re]singularizando as experiências, subjetividades e socialidade humanas, conforme propõe Félix Guattari (2012). Posicionar-se artisticamente é reconhecer-se; é poder, a princípio individualmente, também atuar em favor de sua coletividade, empoderando a si e a sua comunidade.

Esta é uma discussão proposta assertivamente por Joice Berth (2019) quando aborda o conceito de empoderamento como um instrumento que permite emancipação social e política e, também, subversão dos poderes hegemônicos instituídos que discriminam mulheres e outros setores em determinadas situações, equalizando as experiências e existências sociais. Conhecer sua realidade, entender, por exemplo, as categorias de gênero, de raça e de sexualidade que estruturam a sociedade contribui para o reconhecimento e a análise desses mecanismos favorecedores de desigualdades.

[Re]Conhecer a própria realidade pode levar as mulheres, segundo Berth (2019), a atuar em seu benefício, mas o empoderamento individual e coletivo consiste em outras dimensões que passam, além dessa dimensão cognitiva, pela dimensão psicológica, pela consciência política, até chegar à capacidade econômica. É evidente que isto não se faz de uma hora para outra. Trata-se de uma tarefa fundamentalmente política que conteste e combata as relações fundamentadas pela colonização e por seus mecanismos dizimadores das sociedades africanas, como a instituição do patriarcado branco, ocidental, heterocêntrico, vinculado ao capitalismo, restabelecendo relações comunitárias e não dicotômicas.

Insistimos com as reflexões feitas pela mesma feminista negra (2019, p. 35), segundo as quais o empoderamento deve ser um conjunto de “estratégias necessariamente antirracistas, antissexistas e anticapitalistas”, intencionando mudanças sociais com abertura individual e coletiva. Quer dizer, o empoderamento não deve partir somente de uma perspectiva individual, mas de transformações sociais coletivas em grupos historicamente oprimidos. Para Berth, empoderamento individual e empoderamento coletivo são essencialmente complementares, visto que as subjetividades e individualidades formadoras de uma coletividade empoderada dizem respeito àquela comunidade. Em *Niketche*, as cinco personagens principais representam essa relação.

Luísa: Esta noiva é um rio com reflexos de sol e de luar⁵

É bastante simbólica, em *Niketche*, a presença da princesa Vuyazi, representante da tradição oral africana. Sua primeira aparição ocorre quando uma das tias de Tony vai orientar as suas esposas sobre seus deveres:

— Não sejam como a Vuyazi — diz uma das tias do Tony. [...]. Esta princesa desobedecia ao pai e ao marido e só fazia o que queria [...]. O marido, cansado da insubmissão, apelou à justiça do rei, pai dela. O rei, magoado, ordenou ao dragão para lhe dar um castigo. Num dia de trovão, o dragão levou-a para o céu e a estampou na lua, para dar um exemplo de castigo ao mundo inteiro. Quando a lua cresce e incha, há uma mulher que se vê no meio da lua [...]. É Vuyazi, a princesa insubmissa [...] estátua de sal, petrificada no alto dos céus, num inferno de gelo. É por isso que as mulheres do mundo inteiro [...] choram lágrimas de sangue, castigadas pela insubmissão de Vuyazi. (CHIZIANE, 2004. p.157)

5 Este título foi inspirado em *Niketche: uma história de poligamia* (2004, p. 289).

O exemplo dado serve de alerta às esposas que devem ser obedientes ou serão castigadas tal como foi a Princesa Vuyazi, semelhante ao que ocorreu às cristãs que carregam o peso do pecado de Eva. O conselho da tia de Tony serve para explicar o aparelhamento do patriarcado: a obediência das mulheres para com os homens – pai e marido; a educação diferenciada para homens e mulheres, os castigos destinados às insubmissas. Nesta apresentação da Princesa, a família de Tony ainda conta com um sistema engendrado e em pleno funcionamento. Vuyazi e as esposas de Tony estão subjugadas e aprisionadas.

Niketche é, pois, uma narrativa feminina que contribui muito com as pautas feministas e que conta sobre experiências de mulheres que têm suas vidas moldadas por uma tradição patriarcal: “No sul a sociedade é habitada por mulheres [...] [que] Não conhecem a alegria de viver. [...] Somos mais alegres, lá no norte. [...]. No norte, [...] tanto homens como mulheres são filhos do mesmo Deus. Mas [...] o homem é Deus também” (CHIZIANE, 2004, 115-116).

Com a explicação de Mauá, a quinta esposa, vemos as características culturais de norte a sul de Moçambique e, embora, exista alguma diferença no comportamento das mulheres, tudo gira em torno dos homens. O homem-deus precisa ser saciado, independente da Região; prova disso é a experiência de Luísa, natural da Zambézia, lugar simbolicamente de cultura matriarcal e matrilinear, mas que foi fortemente atravessada por violências patriarcais, tanto que as mulheres só podem usufruir de seus direitos através de seus parentes do sexo masculino.

Esses valores são retomados pelas mulheres que compõem o hexágono amoroso ao lado de Tony – “homem que constrói para destruir. Que semeia a flor para depois matar” (CHIZIANE, 2004, p. 235) – e servem para refletir sobre que homens são importantes para a consciência e autonomia daquelas mulheres, lutando por liberdade, mas “dentro de uma relação de interdependência e complementariedade com o mundo masculino”, segundo a própria Chiziane (*apud* LEITE, 2004, p. 98).

Esta concepção é fundada nos paradigmas do Mulherismo Africano que considera as manifestações naturais das mulheres africanas, suas experiências, suas lutas, seus desejos, a unidade cultural daqueles povos, unificando fronteiras, centrada na coletividade, na igualdade de gênero, na equidade, na centralidade familiar (HUDSON-WEEMS (2020)). Os movimentos realizados pelas cinco esposas e, em especial, por Luísa, demonstram a luta por igualdade entre mulheres e homens, sem sobreposição daquelas sobre estes. A luta é coletiva e busca dignidade, humanidade e justiça na atribuição dos direitos e deveres aos elementos daquela família ficcional e daqueles povos reais.

Nesta ordem, as cinco mulheres, lideradas por Rami, criam uma rede de solidariedade como modo de autopreservação numa sociedade patriarcal e colonial que beneficia os homens, mas sem apagar completamente essas tradições, trazendo à tona o matriarcado abafado pelo patriarcado. As diferenças com que as mulheres são tratadas a partir destas orientações culturais não devem ser desconsideradas; enquanto nas sociedades matriarcais, as mulheres são respeitadas, segundo Nah Dove (1998), nas sociedades patriarcais, as mulheres são degradadas.

O conceito de matriarcado em muito se relaciona com a postura de Chiziane apresentada anteriormente. Dove (1998, p. 8) destaca:

o aspecto da complementaridade na relação feminino-masculino ou a natureza do feminino e masculino em todas as formas de vida, que é entendida como não hierárquica. Tanto a mulher e o homem trabalham juntos em todas as áreas de organização social. A mulher é reverenciada em seu papel como a mãe, quem é a portadora da vida, a condutora para a regeneração espiritual dos antepassados, a portadora da cultura, e o centro da organização social. O papel da maternidade ou dos cuidados maternos não se limita às mães ou mulheres [...].

Esses valores são essenciais para a existência dos povos africanos, embora, as sociedades patriarcais desprezem sua importância. *Niketche* inscreve esta discussão, começando pela epígrafe que traz um provérbio zambesiano: “Mulher é terra. Sem semear, sem regar, nada produz”. Sob um olhar africano e uma perspectiva criadora e reprodutora, assemelha mulher e terra, das quais dependem a vida.

Rami inveja Luísa que é “mulher prática, muito terra a terra, cumprindo as leis da natureza. Nasceu num berço de palha, mas sonha e varre as pedras do caminho com punhos de ferro” (CHIZIANE, 2004, p. 83). Luísa e Rami têm origens e experiências diferentes, mas suas vidas se cruzam e se complementam. Uma passa a fazer parte da outra. Mas enquanto Rami foi criada para servir cegamente o esposo, Luísa foi violada e, para se manter viva, precisou ceder a outras violações, mas as duas veem no matrimônio a possibilidade de merecer respeito, constituir família e ter garantias financeiras.

O nome de um dos filhos de Luísa e Tony é Vitor, forma de agradecimento ao, então, amante, que a amparou depois de ter sido espancada pelo marido embriagado, o que forçou seu parto prematuro. Lu, naquele momento, nada poderia fazer contra Tony, pois dependia dele “para comer, para existir”. (CHIZIANE, 2002, p. 87). A ajuda à Luísa se deu por remorso, pois Vito também espancou sua esposa que estava grávida e o bebê não resistiu. A mulher, ao sair da maternidade, não o quis mais.

Vito não ama Luísa, tem simpatia e amizade por ela e, por isso, propõe a Rami que a convença a se casar com ele: “— Ajuda-me. Convença-a a ficar comigo. De rivais, terás menos uma, Rami. [...]. Sinto que ela me quer, mas foge, prefere ser amante de polígamo do que sofrer a humilhação de ser chamada esposa em segunda mão”. (CHIZIANE, 2004, p. 87-88).

A proposta do casamento só chega à Luísa tempos depois quando a mesma já tinha mudado completamente de vida, seus negócios iam bem e ela tinha até comprado um carro. Luísa, já empoderada, não recebeu bem a proposta de casamento: “Queres que eu me case com ele para ser como tu? [...] Se a vida da mulher é a poligamia, jamais serei a primeira. Quero ser sempre o que agora sou: a terceira. Prazer e flor” (CHIZIANE, 2004, p. 249).

A terceira esposa de Tony faz uma reflexão sobre sua posição em seu relacionamento poligâmico e não quer começar outra relação que, para ela, será igual à atual, em algum momento. Ratificamos, com isso, que esta obra permite, então, pensar, entre outras questões, sobre novos e outros lugares de falas das mulheres – a começar pela escritora, passando pelas personagens que representam moçambicanas reais –, reexaminando as noções identitárias essencialistas e universalistas, considerando suas individualidades marginalizadas ou abafadas, tais como raça, classe, gênero, orientação sexual, religião, fronteiras que, em conjunto ou fragmentadas, engendram opressões das mais variadas, decorrentes da colonização e do capitalismo.

Em *Niketche*, o empoderamento dos “cinco pontos do coração de Tony” se deu, primeiramente, de maneira coletivizada, por meio da sororidade, e, depois, individualizada. As cinco mulheres, nesse processo, ganham consciência de sua identidade, cuidam de sua autoestima, mobilizam-se contra as desigualdades de poder e geram suas rendas, mas não rompem com a sociedade, não saem totalmente daquela regulação, até porque esta não é uma proposta de Chiziane. Ela busca a complementariedade e a interdependência das mulheres e dos homens. (CHIZIANE, 2001 *apud* LEITE, 2004). Sobre isso e sobre a importância das tradições, pontuamos que Luísa sai do hexágono amoroso e se casa com seu amante:

Esta noiva é um rio com reflexos de sol e de luar. Ela era uma partícula de orvalho na terra seca que a viu nascer. A partícula foi crescendo, foi ganhando forma de gota, de fio de água, de rio. E tornou-se nascente. Caminhou pelas matas secas e conheceu cidades bravias, onde as mulheres vendem o corpo em troca de pão. Mas ela contornou todos os obstáculos como um rio selvagem. Agora celebra o canto da vitória galopando os céus nas asas de Pégaso. [...] A cerimónia acaba, a Lu já é casada. (CHIZIANE, 2004, p. 289).

A passagem profundamente lírica resume a trajetória de Luísa. A sua representação como reflexos de sol e de luar, além de poética, está muito relacionada aos símbolos de poder associados ao sol e à lua, esta feminina e subalterna àquele. Neste caso, a escolha pela lua – morada eterna de Vuyazi –, comum entre poetisas e poetas, pode validar alguma ideia de subjugação, visto a lua, segundo Chevalier e Gheerbrant (2008), ocupar lugar de subalternidade em relação ao sol que é ligado ao masculino. Esta é uma representação muito íntima e clara do feminino nas sociedades patriarcais. Luísa é uma representação do sol e da lua, como uma presença feminina que orienta e ilumina, símbolo de transformação e de crescimento, mas de dependência em relação ao masculino, imposto pelo patriarcalismo e pelas tradições que a refreiam. Nesse sentido, percebemos que *Niketche* é profundamente marcado por simbologias que falam do lugar das mulheres, alguns impostos, outros escolhidos.

Tony, o ex-marido, não recebe bem a notícia da partida de sua terceira esposa: “Nunca antes sentira a dor de ser rejeitado. [...] Entra em delírio e fala coisas sem nexo”. (CHIZIANE 2004, p. 274). Luísa oferece a Rami, o “lugar de flor” em sua família, em reparação a tudo que sofreu e em retribuição a tudo que fez por ela: “Sou agora a primeira esposa. Espinho e dor. Dou-te o lugar de segunda esposa, para que sejas prazer e flor, pelo menos uma vez na vida. O Vito também é teu. Tu mereces toda a felicidade do mundo, Rami”. (CHIZIANE 2004, p. 290).

Tony perde suas esposas uma a uma e, com isso, vê-se derrotado social e virilmente, depois de selecionar mulheres vindas de diferentes partes do país que o satisfizeram das mais diversas formas, mesmo humilhadas. O esposo polígamo de Rami, de Julieta, de Luísa, de Saly, de Mauá Sualé e amante, sendo, por isso, adúltero, de Eva e de Gaby, é abandonado e compreende “que não se trata de amor, mas de vingança amorosa” (CHIZIANE, 2004, p. 325).

Durante os festejos do casamento de Luísa e Vito, a lenda da Princesa Vuyazi é retomada:

Chegamos à lua, resgatamos Vuyazi [...] A lua é nossa, colonizamo-la, foi-nos conquistada por Vuyazi, pioneira, heroína, princesa e rainha, primeira mulher do mundo que lutou pela felicidade e pela justiça. O mundo é nosso, em cada coração de mulher cabe todo o universo. (CHIZIANE, 2004, p. 292-293)

Trata-se de um momento emblemático. Luísa e suas amigas foram à lua e resgataram a Princesa, símbolo de empoderamento. A partir daqui, todas as mulheres insubmissas e a lua estão livres, são pioneiras, heroínas, princesas e rainhas, lutando por felicidade e por justiça entre mulheres e homens.

Niketche é uma dança e um território simbólico do feminino de Moçambique que mostra, através de Rami, diversas mulheres múltiplas que, por intermédio da sororidade, transformam vidas, empoderam-se como mulheres e nos fazem refletir sobre as tradições daquele país e sobre os efeitos do patriarcado e da colonização na sociedade moçambicana. *Niketche*, portanto, pode ser visto como um microcosmo das relações poligâmicas, legitimadas pelo casamento, buscando pontos de convergência e união entre o matriarcado e patriarcado, representando as relações vivenciadas naquele macrocosmo.

Últimas considerações

O patriarcado e a colonização deixaram um legado de desumanização onde foram instituídos. Muitas pessoas foram subalternizadas mediante classificações hierárquicas quanto ao gênero, à raça, à classe, por exemplo. As opressões foram e continuam sendo muito mais graves para com as mulheres. Moçambique, Nação devastada por este processo, tem lutado pelas raízes ancestrais e pela [re]definição de sua identidade cultural, considerando sua pluralidade.

A literatura de autoria feminina tem contribuído com esta tarefa e, especialmente, com a reflexão sobre as condições das mulheres negras daquela sociedade. As escritoras têm conseguido, com luta, territorializar seus discursos humanizados e questionar regras patriarcais e coloniais que priorizam os homens em detrimento das mulheres.

O lugar de fala de Paulina Chiziane e os processos revolucionários de empoderamento individual e coletivo representados por sua literatura são elementos que proporcionam discussão efetiva sobre desigualdades sociais e sobre relações de poder, possibilitando uma transformação social local e externa. *Niketche: uma história de poligamia* tem fundamento na história de

mulheres negras marginalizadas pelo patriarcado, faz crítica às tradições de subalternização, chama atenção para as pluralidades e, especialmente, para como a solidariedade e a sororidade constituem mecanismos importantes contra os discursos reguladores machistas, colocando-se a favor da justiça social, política e cultural.

A personagem Luísa apresenta uma trajetória de mulher subjugada, violada e violentada por homens das mais diversas formas. Para se livrar da selvageria cometida contra ela, precisou se submeter a um relacionamento adúltero e, depois, poligâmico, que lhe rendia pouco afeto e cuidado. Sua vida mudou quando encontrou a irmandade de mulheres que, como ela, estavam oprimidas e invisibilizadas.

Tais inscrições nos permitem refletir sobre a alienação, a dominação e a exploração de mulheres, questões derivadas da implementação do patriarcado branco que leva à desigualdade econômica e à violência doméstica, impedindo que mulheres tomem decisões e tenham controle de suas vidas. O patriarcado associa-se ao colonialismo e ao capitalismo. Esta tríade é perigosa para as mulheres e se fortalece através, também, do controle do Estado, da economia, da sexualidade. Este aparelhamento é bastante confortável para os homens que forjam regras para justificar sua hegemonia e a obrigação de obediência das mulheres para com eles.

Uma das maneiras de um homem provar o seu poder e sua virilidade é o casamento com mais de uma esposa, uma espécie de mecanismo de controle sobre suas diversas mulheres. Em *Niketche: uma história de poligamia*, através da trajetória de Luísa, vimos a tradição e o patriarcado serem duramente questionados e enfrentados, sem intenção de sobrepor mulheres aos homens, mas apresentando a necessidade de igualar direitos porque ambos são interdependentes e complementares. Esta busca promove empoderamentos individuais e coletivos que, por sua vez, criam a consciência de que todas as pessoas podem existir e possuir lugares de fala, quebrando os silêncios estruturais e violentos impostos aos grupos subalternizados, rompendo com hierarquias opressoras e permitindo, assim, a construção de um mundo mais equânime.

REFERÊNCIAS

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche: uma história de poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. Eu, mulher... Por uma nova visão de mundo. In: **Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF**. v. 5, n. 10, 2013, p. 199-205. Disponível em <<https://periodicos.uff.br/revistaabril/article/view/29695/17236>>. Acesso em 28/10/2021.

CONNELL, Raewyn. Políticas da masculinidade. In: **Educação & realidade**. v. 20. n.2, 1995. p. 185-206. Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725/40671>>. Acesso em 28/10/2021.

_____; MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica**: repensando o conceito. Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 241-282, janeiro-abril/2013.

DOVE, Nah. **Mulherisma africana**: Uma teoria afrocêntrica. In: Jornal de Estudos Negros. v. 28. n. 5, 1998.

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. Do feminismo literário ao ativismo político: a poesia de Sônia Sultuane, de Conceição Lima e de Odete Semedo. In: GOMES, Carlos Magno; RAMALHO, Christina Bielinski; CARDOSO, Ana Maria Leal. (Org.). **Escritas de resistência**: intersecções feministas da literatura. 1ed. Aracaju: Criação Editora, 2019, v. 1, p. 109-120.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 21 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

HUDSON-WEEMS, Cleonora. **Mulherismo africana**: Recuperando a nós mesmos. São Paulo: Editora Anense, 2020.

LEITE, Ana Mafalda. **Literaturas africanas e formações pós-coloniais**. Lisboa: Colibri, 2003.

MOÇAMBIQUE. Lei nº 22/2019, de 11 de dezembro de 2019. **Boletim da República**. Moçambique, 2019, n. 239, 11 de dezembro de 2019, p. 5598/5602.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017

ROBERT, koffi Badou. **Consciência da subalternidade: trajetória da personagem Rami em Niketche de Paulina Chiziane**. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-08022011-100027/pt-br.php>. Acesso em: 25/11/2017.

SILVA, Cecília Gomes da. **Significados e transformação das práticas poligâmicas nas sociedades de Angola e Moçambique: 1910-1965**. 2017. 128f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências humanas, Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em História Universidade Federal de Alagoas. Maceió.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In: **Revista Estudos Feministas**. v.9. n.2. 2001, p. 460-482.